

Obras fundamentais do realismo especulativo

Lucia Santaella, Tarcísio Cardoso, Isabel Jungk,
Eduardo Camargo e Clayton Policarpo¹

Apresentação

Por Lucia Santaella

Para os leitores interessados em penetrar no universo multifacetado da nova corrente filosófica, que tem chamado atenção em várias partes do mundo, sob o nome de Realismo Especulativo ou Ontologia Orientada a Objetos (OOO), este número da revista *Teccogs* escolheu para o seu dossiê o resumo descritivo de quatro obras que podem ser consideradas fundamentais para que se possa ter uma ideia das principais questões que são trabalhadas pelos autores atuantes nesse movimento. O movimento é tão aberto e heterogêneo que nem todos aqueles que estão engajados nas questões dessa nova ontologia e novo realismo são filósofos, o que também pode ser considerado como algo inédito: uma filosofia que não é feita estritamente por filósofos. Os resumos foram escritos por especialistas em cada um dos autores selecionados. Com isso, pretendemos abrir as portas para que o interesse em caminhar por essas searas seja despertado.

MEILLASSOUX, Quentin. **After finitude: an essay to the necessity of contingency**. London: Continuum, 2009.

Por Tarcísio Cardoso

O livro *After Finitude* (2009 [2006]), apresenta o pensamento original de Quentin Meillasoux, caracterizado fundamentalmente como uma forte oposição à filosofia que apelidou de “correlacionismo”, nome dado pelo próprio autor para uma abordagem epistemológico-ontológica caracterizada por uma insuficiência em lidar com as questões mais atuais com que a filosofia cada vez mais se depara. As ideias do correlacionismo têm sua gênese em Kant e no giro copernicano proposto em sua *Crítica da Razão Pura*. Correlacionismo significa a impossibilidade de considerar aquilo

¹ Integrantes do grupo de pesquisa TransObjeto. Para mais informações acesse: <https://transobjeto.wordpress.com>.

que é pensado como algo separado do pensamento. Essa tendência se fortifica, sobretudo, na filosofia pós-kantiana. Envolto em um fundamento fenomenológico, pautado pela inseparabilidade entre mente e mundo, o correlacionismo, mesmo quando trata de se afastar do idealismo, não consegue fugir à finitude essencial que se encerra na discussão sobre a correlação (pensamento-ser), e sua inegável oposição à ideia de absoluto.

De maneira bastante ousada, Meillassoux busca uma via diferente para as questões de Kant e mesmo as de Hume sobre a relação entre necessidade e entendimento. Se, para Hume, nossa crença na necessidade baseia-se unicamente no hábito e nas experiências e não na razão, e se para Kant as leis são necessárias por causa da faticidade da representação, para Meillassoux, é a nossa própria crença na necessidade que deve ser revista. Isto porque pode não haver necessidade alguma, ou pode ser que a única necessidade seja a contingência (MEILLASSOUX, 2009 p. 76).

O autor abre a discussão apontando uma timidez da atitude correlacionista para com problemas que tangenciam o conhecimento científico, evidenciada pelo modo como Meillassoux aborda o problema da “ancestralidade”. Em seguida, o texto mergulha no cerne da reflexão kantiana sobre os dilemas da metafísica, ao explorar conceitos como o real, o ser e a correlação, apresentando o conflito entre contingência e faticidade, e situando grandes nomes da filosofia contemporânea no debate, para esclarecer como esse debate tem sido problemático do ponto de vista das conclusões acerca de um absoluto, cada vez mais retirado do escopo da filosofia e, na visão do autor, cada vez mais necessário para seus dilemas atuais.

Sobre o debate entre contingência e facticidade, Meillassoux apresenta uma ideia bastante inovadora: a conciliação entre ambos se dá na admissão da especulação, seu método para alcançar o absoluto, essencialmente caótico e contingente. A partir desse cenário, Meillassoux retoma a questão de Hume (qual a origem da crença na necessidade?) para o debate, adicionando uma visão matemática que busca no conceito de *transfinito* um aliado para revelar a diferença essencial entre contingência e acaso. Tal proposta tem o intuito de sustentar a ausência fundamental de contabilização do possível. Uma vez que estamos de posse de um conceito, é possível confrontar suas ideias com as consequências do correlacionismo, esclarecendo a incapacidade deste

último de lidar com o problema da ancestralidade, entendido agora como o problema da diacronia, ressaltando ainda a fraqueza da metafísica, do ceticismo e do transcendentalismo em questionar a ideia de necessidade.

HARMAN, Graham. **Tool being: Heidegger and the metaphysics of objects**. Chicago: Open Court, 2002.
Por Isabel Jungk

O Realismo Especulativo é sem dúvida o movimento filosófico que mais tem provocado o pensamento contemporâneo ao propor um retorno aos objetos. O livro *Tool Being: Heidegger and the Metaphysics of Objects*, de Graham Harman, é um dos textos fundamentais para a compreensão de uma das principais propostas dessa nova forma de metafísica: a OOO ou Ontologia Orientada aos Objetos. O livro compõe-se de uma introdução, que apresenta uma síntese da proposta do autor, e mais três capítulos intitulados *The Tool and Its Reversal*, *Between Being and Time* e *Elements of an Object-Oriented Philosophy*, respectivamente. Harman desenvolve sua metafísica com base na análise, extraída de *Ser e Tempo*, do *Dasein* heideggeriano, ao qual ele não confere o *status* central de ser humano como o fazem outras interpretações da obra do filósofo alemão, evitando vieses antropocêntricos.

Harman faz uma leitura original e mesmo ousada dos conceitos de *disponibilidade à mão* (*Zuhandenheit, tool-being*) e *presença à mão* (*Vorhandenheit, broken tool*) que, para ele, dão origem a uma nova forma de ontologia, na qual todo ser pode ser compreendido como *tool-being* ou *ser-ferramental*, conceito que ele deriva de sua interpretação da metafísica heideggeriana. Harman considera que os conceitos de disponibilidade e presença à mão se constituem nas principais ideias da obra de Heidegger e não são aplicáveis apenas a ferramentas e equipamentos, uma vez que o *tool-system* é uma totalidade relacional, a totalidade conhecida como mundo. Esses modos se constituem como dois *modos de ser* entre os quais oscila qualquer entidade, ou ainda, uma oposição primária e real na qual dois modos se manifestam, num jogo de luz e sombra que, ao mesmo tempo em que revela alguns aspectos da realidade, fatalmente oculta outros.

Harman finaliza seu livro concluindo que ele ofereceu um *modelo de realidade* como *tool-being* e seu reverso, *broken-tool*, no qual o ser ferramental em si mesmo recua de toda consciência e de toda relação. Ele defende então que *tool-being* e *broken-tool* são duas entidades separadas e não duas facetas da mesma entidade, já que há uma inabilidade para se distinguir entre a realidade relacional de um lado, e o ser ferramental livre de toda relação. Harman entende que os seres ferramentais devem ser distinguidos entre seres em um sistema e seres em um vácuo, já que o ser ferramental genuíno escapa até do contato causal com outras entidades, que se dá sempre de maneira indireta em um sistema de referências. Dessa maneira, *ferramentas em um vácuo (tools in a vacuum)* é um conceito para o qual Heidegger poder ser considerado um precursor involuntário. Pode-se dizer que todo o pensamento de Harman toma em suas bases os conceitos acima brevemente descritos.

BRYANT, Levi. *Onto-Cartography: an ontology of machines and media*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

Por Eduardo Camargo

O mundo de Bryant é um mundo povoado exclusivamente por máquinas. Ele utiliza o termo “máquina” para denotar qualquer entidade existente. De árvores a automóveis, de pessoas a teorias filosóficas. Para ele, as máquinas são entidades envolvidas em operações de transformação iniciadas por algum tipo de entrada e resultando em vários tipos de saídas. Ele reconhece, no entanto, diferenças de poder entre os diversos tipos de máquinas e aponta para a necessidade de uma disciplina que chama de “mecnologia” cuja utilidade seria a de classificar esses diferentes tipos de máquinas de acordo com seus poderes, capacidades e funções.

Há máquinas incorpóreas como as equações matemáticas e as constituições nacionais, ou corpóreas como os animais e os planetas; há máquinas rígidas cujo resultado de processamento é determinístico como as equações matemáticas e o automóvel, ou máquinas plásticas capazes de apresentar variados resultados para suas operações como as árvores e os humanos. Além dessas, há também máquinas capazes de aprender como golfinhos e cães, máquinas direcionadas por objetivos como pessoas

e corporações, e aquelas que mudam de estado sem que haja uma intenção específica como uma pedra quando aquecida pelo sol.

A ontologia maquina de Bryant é apresentada em seu livro *Onto-Cartography: an ontology of machines and media* (2014) que, em suas próprias palavras, é uma tentativa de defesa e renovação do materialismo através da oposição aos argumentos que o criticam como uma doutrina filosófica reducionista, bem como, através da oposição aos que apontam para a existência de algo imaterial no humano e na cultura. Sua onto-cartografia se sobrepõe a muitos temas e questões relativos à cartografia geográfica, mas difere desta pois, em vez de mapear o espaço geográfico, busca mapear as relações ou interações entre as máquinas ou entidades preocupando-se com questões relativas a como tais máquinas estruturam os movimentos e o vir-a-ser umas das outras.

Após definir que o universo é composto inteiramente por máquinas e propor uma ecologia midiática pós-humana, o pensamento de Bryant atravessa questões referentes a como as máquinas interagem entre si formando compostos de máquinas ou *assemblages*, e também como toda máquina enfrenta o problema da entropia ou potencial desintegração. Ele admite a hipótese de que existem diferentes mundos, cada um deles imerso numa ecologia maquina própria e, neste ponto, investiga a relação entre expressão (reino do discurso) e conteúdo (reino das máquinas físicas) e como essas duas instâncias atuam em mundos específicos influenciando-se mutuamente. Ele também explora a questão tempo-espaço rejeitando a posição newtoniana de um espaço-*container* repleto de entidades movendo-se em todas as direções. No *framework* da onto-cartografia, o espaço tem uma concepção topológica formada por caminhos que, por sua vez, também são compostos por máquinas. Ao final, a obra de Bryant traça o esboço de um *framework* geo-filosófico para as questões políticas e sociais propondo questões sobre agenciamento e estrutura em *assemblages* sócio-culturais.

BOGOST, Ian. **Alien phenomenology, or what it's like to be a thing**. London: Minnesota Press, 2012.

Por Clayton Policarpo

O realismo especulativo é um movimento de base heterogênea, pois os autores que o integram partem de diferentes referências e perspectivas, trazendo em comum a necessidade de se superar o legado kantiano do correlacionismo e a busca por modelos alternativos de apreensão da realidade. Ian Bogost, designer de games e professor no Instituto de Tecnologia da Universidade da Geórgia, tem se destacado como um dos autores mais profícuos do recente movimento. Um dos seus méritos é sem dúvida a clareza com que trata conceitos caros a compreensão do realismo especulativo, ao tempo em que declara que a retórica filosófica é apenas um dos caminhos para a construção de conhecimento.

De acordo com Bogost, as motivações para as teorias que buscam superar o correlato sujeito e objeto não as livram de recair em modelos antropocêntricos. Questões ambientais, estudos em pós-humanismo se concentram em argumentos tais como a sobrevivência da espécie humana e formas de ampliar o seu potencial. O mesmo ocorre com as abordagens provindas do naturalismo e do relativismo social, que subjagam o mundo às necessidades do homem.

Em *Alien Phenomenology, or What It's Like to Be a Thing*, de 2012, Ian Bogost lança mão de uma abordagem interdisciplinar, que desestabiliza os fundamentos de compreensão da relação entre atores humanos e não-humanos, para propor uma nova fenomenologia. Tendemos a nos interessar por determinada coisa em virtude do círculo de relações em que esta se insere (seja este cultural, social, político etc.). Repensar essa posição exige de nós uma rejeição ao antropocentrismo. Como resultado da constatação do privilégio da percepção humana na análise dos objetos, a fenomenologia alienígena busca desvendar como as demais entidades percebem o mundo, e interagem entre si, independentes da intervenção humana.

Dividido em cinco partes, o livro propõe estratégias para explorar o modo como os objetos são apreendidos pelos demais e como estabelecem diálogos. No primeiro capítulo, são introduzidos os principais conceitos do realismo especulativo e Ontologia Orientada ao Objeto (OOO), cujo entendimento é bastante próximo ao do filósofo Graham Harman, em quem o autor busca uma base para desenvolver suas

ideias. Em uma analogia, Bogost define a fenomenologia alienígena como uma aplicação prática da Ontologia Orientada ao Objeto.

São apresentadas metodologias e estratégias para o uso da fenomenologia alienígena, no intuito de amplificar os ruídos produzidos pelos objetos ao invés de contê-los. As técnicas descritas dão título aos capítulos subsequentes: ontografia, metáfora e carpintaria. Na ontografia, são traçados métodos para explorar a relação entre objetos, quando o autor recorre a listas, prática identificada nos escritos de Bruno Latour. A metáfora é colocada como uma estratégia para a compreensão da percepção dos objetos, uma atividade especulativa para caracterizar a experiência alienígena. Se, por um lado, a escrita é limitada, e demasiadamente antropocêntrica para nos permitir sondar as verdadeiras profundezas dos objetos, a carpintaria emerge pautada por um estudo dos modelos de engajamento e produção de entidades diversas.

No capítulo final, Bogost descreve a “surpresa” como uma postura mediante às demais entidades no trabalho de especulação filosófica. Como uma refutação a práticas filosóficas que tendem a se fechar em um rigor ineficaz, o autor postula a capacidade de maravilhar-se como essencial nas abordagens especulativas e orientadas ao objeto. “O retorno ao realismo na metafísica é também um retorno à surpresa, surpresa aliviada da pretensão ou engano” (ibid., p. 133).